

# **III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE MITOS**

**04 a 07 de agosto de 1994 - Rio de Janeiro - Brasil**

**SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO**

**INSTITUTO DE ENSINO DA PSICANÁLISE**

---

***VOCÊ DECIDE !\****  
*(UM LIBELO AOS MITOS DA ATUALIDADE)*

---

**PEDRO PAULO V. A. AZEVEDO**

**MARÇO - 1994**

---

\*Trabalho apresentado no 3º Simpósio Internacional sobre Mitos – Rio de Janeiro – de 04 a 07 de agosto de 1994

## **CONTEÚDO**

I - PRELÚDIO MÍTICO

II - TOT, HERMES, EXU E O PSICANALISTA : Instrumentos da união de Eros e Psiquê.

III - MITO, UM ESTRANHO? : Uma teoria Psicanalítica do Mito.

IV - VOCÊ DECIDE! : Um Libelo Acusatório aos Mitos da Atualidade.

-----

Os grifos ao longo do trabalho, do autor.

---

· Segmento apresentado no XV Congresso Brasileiro de Psicanálise – Recife – outubro de 1995.  
· Segmento apresentado no Encontro Psicanálise, Ciência e Cultura, comemorativo dos 40 anos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro – Colégio Brasileiro de Cirurgiões – RJ – 14, 15 e 16 de dezembro de 1995.

## **AGRADECIMENTOS**

- À Dra. Clara Helena Portella Nunes, em primeira acolhida.
- Ao Dr. Sergio Cyrino da Costa, ponte de insustentável leveza.
- Ao Dr. Moisés Tractenberg, artífice-operário do caminho psicanalítico.
- À Dra. Maria Pereira Manhães, fada madrinha de um conto de doçura embebido em sagaz “saliência”.
- Ao Dr. Wilson de Lira Chebabi, inspiração inquieta de serena sabedoria.
- Aos companheiros da 29a. turma, patrimônio humano inalienável, instigadores da labuta e do desejo de vencer.

## I - PRELÚDIO MÍTICO

De alma confessa, dou os primeiros passos nesse ensaio, sem saber ao certo que direção seguir. Afastado do rigor científico, aventuro-me penitente pelo mal-caminho-mal-criado- incômodo da expiação pela não observância do método, pecado-vício de origem que na fantasia de apaixonado cavaleiro, investe contra os moinhos do cientismo. É a esperança de Dulcinéa Del Toboso, de poder descobrir o mito de todas as perfeições. A absolvição pelo inicial regozijo poderá se dar por ser de inspiração mítica essa trilha escolhida - sabe-se que o “alcance do mito nunca é percebido com nitidez”(Buzzi, 1975), e que a lógica científica não responde pelo mito. E “na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico; ao revés, é ilógico e irracional”.(J.Brandão, 1986). Nietzsche em a “origem da tragédia” nos fala que o “mito não encontra, de maneira nenhuma, adequada objetivação no discurso”. Podemos supor que o conhecimento revelado no mito é da ordem do subjetivo processo primo, enquanto na lógica, aparece como expressão do objetivo processo secundo. No entanto, penso, não se pode apartar com nitidez esses diferentes níveis de compreensão pois, como nos revelou Olgária de Matos, mesmo o arcanjo maior do Iluminismo, René Descartes, não escapou das garras da intuição. Seu “Discurso sobre o método”, inexpugnável fortaleza da lógica, vai ser engendrada por um sonho do próprio Descartes. “É ele mesmo quem nos(se) <sup>1</sup>. convence disso, pois era familiarizado com a arte da oniromancia. No mesmo dia interpreta o sonho como revelação e configura uma grande obra por vir” (Sevcenko,1994).

É oportuno registrar que o conteúdo manifesto de sonho de Descartes, que culmina com a questão: “que caminho seguirei na vida?”, traz a mesma temática inconsciente da dialética direita / esquerda que o sonho de Bismarck relatado por Freud. Não há uma “nova-velha” <sup>2</sup> versão melhor para o sonho do grande estadista prussiano. Freud nesse trabalho lembra que a “esquerda” representa o que é errado, proibido e pecaminoso, e aponta sua relação com as fontes masturbatórias infantis. “Um sonho como este, de vitória e conquista, é amiúde uma capa para que um desejo seja bem sucedido numa conquista erótica” (Freud, 1900). A aparente diferença dos desejos, por um lado das conquistas

---

<sup>1</sup> (se) - interposição do autor.

<sup>2</sup> Nova para nós, pois o sonho de Descartes foi tido na noite de 10 para 11 de novembro de 1619, enquanto o de Bismarck foi em 1863, portanto posterior ao primeiro. A título de ilustração passo a descrever fragmentos destes: o de Bismarck: “...cavalgava num estreito caminho alpino, com um precipício à direita e rochas à esquerda”. O de Descartes: “ao caminhar em direção à capela fui envolvido por uma ventania turbulenta que empurrava pelo lado direito..., obrigado então a voltar-me à esquerda para defender-me.

militares de Otto Von Bismarck, e por outro, de criação de Descartes, se desfaz no mítico desejo infantil de ambos, qual seja, de uma conquista erótica.

Portanto, primário e secundário, objetivo e subjetivo, direita e esquerda, manifesto e latente, estranho e familiar, consciente e inconsciente são faces da mesma humana moeda que não deixa de ser a do próprio mito. “O mito tenta apreender a realidade em toda sua complexidade, sem afastar nada, sem privilegiar um elemento em prejuízo de outro. Abre-se a todas as possíveis interpretações, até mesmo (e sobretudo) às mais contraditórias” (Augras, 1983). “Assim, para se atingir o mito, que se expressa por símbolos<sup>3</sup>, é preciso fazer uma equivalência, uma conjugação, reunião”. (J.Brandão, 1986). Diz Descartes no primeiro preceito que compõe a sua lógica: “nunca aceitar como verdadeira nenhuma coisa que eu não conhecesse evidentemente como tal(...), só incluindo nos meus juízos o que se apresentasse de modo tão claro e distinto à minha mente que não houvesse nenhuma razão para duvidar” (Descartes, 1637). Quem diria que as pretensões de criar um método de racionalmente apreender as coisas fossem, na cabeça desse arauto da Filosofia das Luzes, ancorar na escuridão subjetiva de seu onirismo. As idéias racionalistas, que iriam mudar a história do pensamento no Ocidente encontram no irracional sua força motriz. É esse paradoxal Descartes, lógico-sonhador que legitima a idéia de Horkheimer de que “o racionalismo e o irracionalismo anulam reciprocamente sua pretensão metafísica (Sevcenko, 1994), desembocando em mítico impasse.

Parece evidente que não se reúne profissionais num Simpósio Internacional sobre Mitos, para privilegiar a conotação usual que se dá a esses; como fábula, lenda, invenção ou ficção. Mas talvez para encontrar e re-encontrar o sentido original da palavra **Mythos**, ou seja, “**o Dito**”, acepção que lhe conferiam as primitivas sociedades. É o mito como a palavra revelada e re-velada. Penso que, num simpósio, só é possível falar de mitos, por meio de um esforço que aproxime o significado atual (reunião intelectual para uma discussão), de seu caráter grego original (**sympósion**), que remete a banquete. Portanto, banquetear em alguns poucos minutos, me parece tarefa de ordem heróica, pois a apreensão do mito envolve o tempo personificado (**Cronos**). Demanda um esforço de aproximação fundado na ciência de **Hermes**, a Hermenêutica. “A hermenêutica requer a adesão ao mundo mítico, a penetração nos seus valores, a vivência do sagrado. O *deciframento* só se dá na compreensão interna(...) .Decifrar o mito é decifrar-se. Abrir-se ao mito é ouvir ressoar dentro de si o eco de antigas provações, reinventar significações esquecidas, reconhecê-las como

---

<sup>3</sup> Elemento usado adiante para relacionar o conceito de mito e símbolo.

aspectos do mesmo mundo humano. A compreensão passa a realizar-se como síntese entre o que o mito diz e aquilo que desperta no investigador. Tal hermenêutica é constantemente reavaliada, pois se fundamenta na transformação interna”(Augras,1983).

A despeito de ter Jung ficado afamado pelos seus estudos com mitos, realizações que não podem ser ignoradas, atribuo a Freud, a passada mais larga nesse esforço de aproximação dos dois sentidos de “simpósio”. Dada a compreensão interna (insight), que conduz à transformação interna, que por sua vez desperta a alma, ser o alvo inalienável do processo psicanalítico, vejo na experiência da análise, o bailado ritualístico que pode introduzir o homem cultural no universo do sagrado. E “como penetrar no universo do sagrado?(...) O conhecimento dos mitos, dos símbolos, dos ritos, é gradual(...), a aprendizagem do significado não se opera ao nível da explicitação intelectual. O saber iniciático adquire-se pela vivência. O conhecimento experimenta-se, não vem de fora. Há transformação do iniciado”(Augras,1983). Há transformação do analisado!

Introdução do homem cultural no universo do sagrado, ou melhor, do homem intelectual no sagrado. Sim, porque o homem místico é cultural e penetra no universo do sagrado por outras “bandas”. É Freud, peso pesado da hermenêutica, que vai conseguir a maior aproximação metapsíquica de duas cargas geralmente opostas: o intelectual e o sagrado. A experiência da psicanálise (gradual, adquirida ao curso de uma longa vivência, onde o conhecimento não vem de fora) e o auto-conhecimento (o decifrar-se, o ressoar dentro de si, a reinvenção do esquecido) tornam-se os ingredientes que consolidam a tarefa psicanalítica. Tem-se dessa forma a compreensão do que o mito diz, pelo que despertou em quem investiga, segue os vestígios, indaga, procura dentro. Ao abrir-se à experiência da análise, abre-se ao mito. Numa experiência onde o aprendizado não se dá pela explicitação intelectual, mas pelo saber praticado, provado, ouve-se ressoar dentro de si o eco das antigas provações. O iniciado na análise gradualmente transforma-se. O analisado, transformado e em perene transformação, permite-se ao conhecimento do mito dito. **Bem-dita** palavra, revelada e novamente velada que simboliza no perpétuo movimento, o momento em que o intelectual fecunda o sagrado. Poderia, a partir daí, considerar a “**Interpretação dos Sonhos**”, o maior compêndio de deciframento mítico feito até então, onde para os iniciados-analisados aponta o des-cobrir-se em meio ao sonho-mito. Passo então a afirmar que: **O SONHO É O MITO PESSOAL, ENQUANTO O MITO É O SONHO COLETIVO.**

O conceito do Inconsciente Coletivo de Jung, a partir da alegada e surpreendente semelhança de mitos, espécie de herança das vivências das gerações anteriores, não deixa de ser uma nova roupagem para o que Freud referia em sua obra, de filogenético. Moisés Tractenberg, através do estudo da Embriogênese do Aparelho Psíquico, livra do ocaso o significado psicanalítico das “matrizes estruturantes universais”. Nos diz: “o feto-bebê, com um cérebro já organizado e integrado para exercer suas funções pós-natais - a partir dos cinco meses de gestação - contempla ao mesmo tempo dois filmes, na ontogênese de seu aparelho psíquico: a do próprio Id, e principalmente a do Id de sua mãe; com quem realiza uma “cena primária” ideal . E mais adiante: “a metáfora de que o bebê quando nasce já é “um antiquíssimo ancião “ remete ao patrimônio de experiências filogenéticas, acrescidas das vivências intra-uterinas, em íntima relação com o corpo e a mente da mãe, configurando uma “memória psicológica”, inconsciente, da espécie humana; como remete à “memória biológica” que sabe como a “ontogênese deve repetir a filogênese” (Tractenberg,1992). Quando Jung em seus “ Estudos sobre o simbolismo do si mesmo” expõe que “os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre a priori” , ele omite de seu pensamento o complemento. Então teríamos: “... os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre e a priori, ESPÉCIE DE IMEMORIAL ACÚMULO, DE CONTEÚDOS INCONSCIENTES PESSOAIS”. Quando Tractenberg lembra que “a ontogênese deve repetir a filogênese” nos permite inferir que a “memória biológica” é inseparável da “memória psicológica” inconsciente da espécie humana, e ainda, que essa dinâmica da repetição em inesgotável exercício, construiu esse mnêmico da humanidade que se repete e se repete. É a filosofia do eterno retorno. ETERNO RETORNO DO ETERNO que acabou por ETERNIZAR O ETERNO. No entanto, Tractenberg lembra que essa repetição não é sempre igual. As novas gerações sempre acrescentam algo ao repetido, se não, não teríamos a filogênese. É como reza o ditado popular: “ Quem conta um conto aumenta um ponto”.

O eterno valor do mito está em expressar conteúdos inacessíveis da alma. A psicanálise nos traz essa valoração, estando sua linguagem envolvida com a mitologia. É importante ressaltar que cada época possui seus mitos, que dão substância à própria vida. “Essa função social dos mitos foi tratada por Malinowski que via, no mito interpretado, a possibilidade das sociedades conferirem aos fatos a necessária unidade que dita a história.

Interpretar o mito é experimentar a existência. É se envolver no próprio processo histórico participando do destino da humanidade”. (Buzzi,1975).

Um outro ponto é que, através do mito, o homem permanece articulado com a realidade, mesmo antes de possuir qualquer representação dessa. Nessa perspectiva, “o mito é a própria existência, o concreto real na sua visibilidade máxima”. ( Buzzi, 1975). Ora os objetos são percebidos como revelando o que são, ora ocultam o que são, e o mito está, por isso, intimamente ligado ao mistério. “..quando o homem percebe o mito de tudo quanto é, ele está na experiência do mistério. Mistério é a ausência inominável que se apresenta no particular-aí-imediatamente. É o **estranho no familiar**. Mito é a experiência que nos faz ver que tudo o que está aí vive recolhido e preservado na cripta secreta do ser”. ( Buzzi, 1975). É essa afirmação do autor, de que o **mito é o estranho no familiar**, que me conduz a desenvolver uma teoria psicanalítica do mito <sup>4</sup>.

Temos portanto que a mitologia, ao enunciar o mito, denomina também a realidade como o sujeito a percebe (subjetividade) no conjunto das representações (a vida, os problemas, mostrados em expressões mitológicas). Essas expressões possibilitam viver o mito da existência. Trata-se do **se revelar, do ser revelar, do re-velar**, do tornar a velar que se faz mistério. **Mito-revelação-mito-velação**. Saga histórica de cíclica legenda.

Para o autor o “mito proferido é mitologia”. Se o **mito proferido** (do Lat. proferere, por proferre, “levar para diante”, “enunciar”) é **mitologia**, o **mito preferido**( do Lat. prae ferere, por praeferre, “levar à frente”) é **psicanálise**. Enquanto em proferir você leva para diante o enunciado, em preferir você leva para frente o desejado. Para mim, portanto, sob a inspiração da ciência de Freud, MITO é DESEJO, ou se RELACIONA COM ELE. FALAMOS DO MITO QUE DESEJAMOS E DESEJAMOS O MITO QUE ENUNCIAMOS. Portanto vou PROFERIR o mito que inconscientemente PREFIRO.

“Como se relacionam o literal manifesto e o sentido latente é todo o problema da interpretação ou hermenêutica do mito. A necessidade de interpretar surge porque sentimos que não estamos aonde deveríamos estar... O sentido latente é sempre a base de sustentação do discurso mítico. Quando se transpõe do latente para o patente, há sempre uma “perda” da mensagem. Por isso toda interpretação é problemática, isto é, nos leva a melhor ver o quanto se perde quando se quer tudo explicar”. (Buzzi,1975). Freud **ex-plica ?**

Penso que Freud, mais do que explicar, compreende, **in-plica**. Segue o autor: “o mito é, pois, a experiência da impossibilidade donde vem o discurso humano. O

poder e o saber do homem, o seu cogito está sempre no **envio**<sup>5</sup> do mito. (...) não é, portanto, no discurso do mito que está o mito. O discurso encerra sempre uma metalinguagem - um sentido encoberto que atrai o poder e o saber da mente. O conhecimento ordinário e o mítico, diferentemente do científico, só é passível de compreensão mediante a participação afetiva (aderir a vida do grupo, estar em solidariedade) ou pela reconstituição hipotética (buscando princípios de interpretação)". Portanto a linguagem só tem sentido na convivência. Vale aqui a máxima de Abelardo Barbosa, o "Chacrinha" : "Quem não se comunica se trumbica". Já o conhecimento científico se caracteriza por distanciar-se da convivência do ser e por capturá-lo numa representação objetiva. Submetido ao objetivo, esse discurso, se afasta da realidade e do ser vívido. Dessolidariza-se. O objeto do conhecimento científico não é o ser, mas sua representação.

Como criação do espírito humano, as ciências devem seu aparecimento à inteligência "objetivante", inspirada na "vontade de poder", "vontade de saber" para Michel Foucault, de poder dominar o real. "A ciência é a mais refinada manifestação da ânsia de dominação da realidade. (...) Quando a ciência declara o que "existe" ou o que "não existe", declara-o a partir de um modelo, que é **pré-concebido** para declarar o real. O "existe" e o "não existe" da ciência são assim sempre "**pré-conceitos**". (Buzzi,1975).

E por que dominar a realidade? Acredito que para encontrar segurança. "A ciência é assim o mais grandioso projeto humano de auto-asseguramento de que a história nos dá notícia. No passado remoto a segurança era confiada ao transcendente. No modelo científico, a segurança existencial é confiada à subjetividade humana. A modernidade rompe com a transcendência e coloca o homem no imediato de sua subjetividade como senhor de seu destino. A ciência instaurada para compreender o **estranho** da vida" (Buzzi,1975).

Estamos, portanto, diante de um aparente paradoxo. Por um lado, a tarefa de estarmos intelectualmente reunidos para "discutir" sobre mitos. Por outro, a inacessibilidade do discurso mítico à objetivação. O que fazer? Como encontrar significação em nossos esforços? Como decifrar a mensagem? Como participar, enquanto mortais, de um banquete dos deuses, de um **sympósion** olímpico. Penso que só com a participação de **Hermes**. Com o auxílio da ciência do deus da mensagem, a **hermenêutica**, poderemos compreender a significação do **envio** mítico. A significação de um dado, de um evento, "não é passível de ser "cientificada" nas ciências hermenêuticas, não sendo pois, objetivada. A significação se revela através de um processo de interpretação. "O objeto das ciências humanas (de Hermes)

---

<sup>4</sup> que será demonstrada adiante, na III parte do trabalho - MITO UM ESTRANHO ?

é sempre cultural, é um valor cultural (**kulturgut**). O objeto é então a própria ação humana prenhe de sentido (**sinnhaft**), carregada de valor (**wertbezogen**) - eu diria prenhe e carregada de **desejo**<sup>6</sup>. A ciência, porém, enquanto puro conhecer, busca a neutralidade axiológica (**wertfreiheit**). As ciências humanas nesse caso deveriam explicar os fatos culturais, os objetos de valor, tratando-os por um método isento de valor (**wertfrei**). O sentido invisível só pode ser evocado. A evocação, porém, é incompatível com a essência do conhecimento científico, pois é da estrutura das ciências o não-evocar, mas o dizer por meio de conceitos formais”.(Buzzi,1975).

Podemos considerar, a psicanálise, como uma das expressões mais apuradas das ciências hermenêuticas, tornando-se, portanto, uma preciosa ferramenta no deciframento do mito, conjugando formalização e evocação. Pretendo demonstrar agora, como a ciência de Freud tem inspiração na ciência de Hermes, sendo o psicanalista uma espécie de reencarnação dessa divindade do envio, do despacho !

---

<sup>5</sup> O **envio** como iremos ver é a arte de **Hermes**, de **Exu**.

<sup>6</sup> interposição do autor

## II - TOT, HERMES, EXU E O PSICANALISTA: Instrumentos da união de Eros e Psiqué.<sup>7</sup>

As interpretações aqui formuladas, no sentido de aproximar essas divindades ao psicanalista enquanto mito, são frutos do **envio** inconsciente, e não reivindicam nenhum **status** acadêmico. A surpreendente semelhança de alguns mitos entre si, utilizada por Jung para conceituar o inconsciente coletivo, parece se confirmar. Pretendo apresentar um exemplo de incrível similitude. O deus **Hermes** da mitologia grega, assimilado ao deus **Tot** da mitologia egípcia, são reeditados no modelo mítico nagô **Exu Yangi**. Demonstro também que esses deuses de culturas distintas, revelam além do parentesco, elementos essenciais de um tipo mito da atualidade, o **Psicanalista do saber suposto**. As ciências humanas ou as ditas(míticas) ciências do espírito - **Geisteswissen - Schaften**, são também conhecidas como ciências hermenêuticas. “Hermenêutica procede da palavra indo-germânica **Herm**, que significa o que **envia**. Hermes é o deus da mensagem, daí vem **verbum, word, wort**. As coisas que aparecem são enviadas, estão no envio de Herm, do **verbum**, da palavra. Auscultar o sentido do envio é fazer a hermenêutica da palavra”. (Buzzi,1975). Eu diria: AUSCULTAR O SENTIDO SENTIDO DO ENVIO É PSICANALISAR.

“ Como o deus Tot , mestre da escritura e por consequência da palavra e da inteligência, já no século V a.C., Hermes era identificado. Deus Ctônio(subterrâneo), o egípcio Tot é o escrivão da psicoestasia - espécie de julgamento simbólico da alma após a morte - e patrono de todas as ciências, que teria criado o mundo por meio do **Lógos**, da palavra. Hermes (o solerte Mercúrio romano) é a demonstração clara de seu poder de ligar e desligar”. (Junio B.,1991). Ao arrancar os sons da lira (de-lira), barganha com Apolo a arte da adivinhação e, recebendo o Caduceu de Ouro, aperfeiçoa seu dom divinatório. “Não existe outro deus que demonstre tanta solicitude para com os **rebanhos**<sup>8</sup> e seu crescimento”.(Junio B.,1991). Do mesmo modo o psicanalista-ctônio transita nos subterrâneos e recria, como ferramenta, o mundo do sujeito por meio do **lógos**. Com a palavra **desliga** as falsas conexões ideo-afetivas e as **liga** novamente num outro contexto. Exige-se a sagacidade de Mercúrio para arrancar através da dupla analista-analisando, que **de-lira**, os sons da arte divinatória tornando o inconsciente consciente. Não existe outro especialista que demonstre tanta

<sup>7</sup> Apresentado como Tema-livre no XV Congresso de Recife – outubro de 1995.

<sup>8</sup> Hermes parece ter sido, de início, um deus agrário, protetor dos pastores e dos rebanhos. Metaforicamente o termo serviu para comparar os povos a rebanhos de ovelhas. A ovelha é portanto, o símbolo da alma humana, e o rebanho o é das igrejas. Cf. carneiro, cordeiro. ( A Bíblia Sagrada).

solicitude para com os **rebanhos** e seu crescimento. O psicanalista solícito dedica-se horas a fio ao crescimento da alma.

Seus traços são ampliados e torna-se o símbolo da astúcia, do arдил e da trapaça. “É um verdadeiro **trickster** <sup>9</sup>. Trapaceiro, velhaco, companheiro, amigo e protetor dos comerciantes e dos ladrões. Senhor dos que realizam seus negócios **durante a noite**.(Junito B.,1991).

Confesso que de início foi difícil associar ao Psicanalista a qualidade de Trickster. Superada, no entanto, a reação dos primeiros momentos, pude perceber a “malandragem” que requer nosso trabalho. Lidamos com forças malandras da alma e, sem a astúcia, o arдил, muitas vezes exigido, não é possível desfazer as trapaças erigidas pelas resistências. Se em determinados momentos nos tornamos amigo e protetor dos comerciantes e dos ladrões, é porque sem barganha não há acordo. Sem comerciar não há negócio. É preciso ser ladrão para lidar com os ladrões do espírito. Sem a malícia para participar dos “negócios que se dão **durante a noite do inconsciente**” não há análise. E por certo seremos perdoados por nossa velhacaria, pois “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”. A Dra. Manhães aponta sua concordância nesse ponto. Lembra ela que, ao trabalharmos o tempo todo com o manifesto e o latente, nos deparamos com esse embaraço. Relata com humor um caso seu, em que a paciente ao concluir seu manifesto discurso, ironiza: “pronto, acabei. Agora você pode soltar suas loucuras”. Loucura que, aqui, é falar do latente incompreensível. Dra. Manhães salienta então<sup>10</sup>, que fica difícil atingir “essa loucura” sem a trapaça, que por estar a psicanálise embebida da dialética, essa não nos dá soluções de causa e efeito, mas apenas “saídas” onde verdade vira mentira e vice-versa. Então conclui: “**similia, similibus curantur**. O paciente trapaceia nós trapaceamos”. Princípio homeopático, onde as coisas semelhantes, se curam com as semelhantes. Trapaceando trapaceia-se a trapaça. E a arte é dosar. Quanto do veneno deve-se utilizar para instaurar a vacina e não a morte ? Quanto deve-se interpretar para gerar o insight e não a falência da análise ?

Assim como Hermes, o Psicanalista poderia ser o objeto da observação comovido de Zeus: Hermes, tua mais agradável tarefa é ser companheiro do homem: **ouves a quem estimas**.<sup>11</sup> “Hermes, mensageiro, filho de Zeus, é o dispensador de bens(...). Protetor dos viajantes, é o deus das estradas”(Junito B.1991). “Guardião dos caminhos. Cada transeunte lançava uma pedra, formando um **Hérmaion**, isto é, literalmente, **lucro inesperado**,

---

<sup>9</sup> Trickster - Tricker - malandro

<sup>10</sup> A saliência será um atributo de Exu, personagem do mesmo mito.

**descoberta feliz** proporcionados por Hermes(...). Regia as estradas,(...), se não se perdia na noite, era porque, dominava as trevas, conhecia perfeitamente o roteiro(...). Conhecedor dos caminhos e de suas encruzilhadas, não se perdendo nas trevas e sobretudo podendo circular nos três níveis <sup>12</sup>, acabou por ser um deus psicopompo, quer dizer, um condutor de almas”(Junito B.1991). O analista não deixa de ser o mensageiro do inconsciente, à medida em que protege aqueles que se permitem a viajar pelo mundo interno. Concede bens através da mensagem revelada na estrada. Lançando pedras, ou seja, lançando seus conteúdos, os analisandos formam Hérmaions, que são os **inesperados lucros** e as **felizes descobertas** proporcionados pelos **insights**. “Conhecedor” dos caminhos e das suas encruzilhadas <sup>13</sup>, o psicanalista - por não se perder na noite, por “dominar” as trevas do inconsciente e “saber” o roteiro - conduz as almas ao entendimento que permite a livre circulação nos três níveis, que é a comunicação entre as diferentes estâncias da psique. “A grande tarefa de Hermes, no entanto, consistia em ser o **intérprete** da vontade dos deuses (...). A ele coube a gratíssima tarefa de conduzir Psiqué para o Olimpo, a fim de que se casasse com Eros (...). São nas suas relações com o mundo dos homens - aberto, em permanente construção - onde residem seus atributos primordiais. O próprio Lógos, Hermes, é o que sabe e, por isso mesmo, aquele que transmite toda ciência secreta (...). Companheiro do homem, tem o poder de lutar contra as forças Ctônias, porque as conhece (...) **ad utrumque peritus**, “hábil em ambas as funções”, isto é, versado em conduzir para a luz ou para as trevas: eis aí o grande título de Hermes, o vencedor mágico da obscuridade (...). Aquele que é iniciado pelo luminoso Hermes é capaz de resistir a todas as atrações das trevas, porque se tornou igualmente um “perito” (...). Teria criado o mundo por meio do lógos”. (Junito B.,1991).

Portanto, a grande tarefa do psicanalista é ser o intérprete do inconsciente (vontade dos deuses). São sua relações, por meio do lógos, com o mundo aberto dos homens que propiciam a construção-reconstrução analítica. No decorrer dessas relações transmite-se a ciência secreta (**corpus hermeticum**<sup>14</sup> **psicanalítico**) , que nada mais é que o conjunto de ferramentas para se lutar contra as forças ctônias do Ics. e se vencer a obscuridade. Hábil em ambas as funções, seja por um lado, removendo dos escombros da repressão aquilo que deve vir à luz, seja por outro, conduzindo para as trevas os conteúdos que devem repousar no fundo da alma, transforma-se, o psicanalista, no patrono do auto-conhecimento. E, aquele, que é

---

<sup>11</sup> Estima que aqui representa o sentimento da importância ou do valor de alguém. Apreço, consideração, respeito

<sup>12</sup> Ctônio (subterrâneo), Telúrico (terrestre) e o Olímpico (céu).

<sup>13</sup> Lembro aqui a encruzilhada edípica que todo ser humano encontra em seu caminho.

<sup>14</sup> Trata-se de uma literatura “hermética”, erudita, que no entanto, pode ser confusa.

iniciado pela psicanálise se torna capaz de resistir às atrações obscuras da enfermidade psíquica, porque se torna igualmente um “perito”, ou seja, internaliza a função do analista.

Curioso o relato de como Hermes respondia às consultas de seus devotos, no templo de Acaia, pelo denominado processo das vozes. (...) “o consulente dirigia-se para o fundo do templo, onde estava a estátua de Hermes e dizia-lhe baixinho ao ouvido o **seu desejo secreto**. Em seguida, tapava fortemente as orelhas com as mãos e caminhava até o átrio do templo, onde, num gesto rápido, afastava as mãos; as primeiras palavras ouvidas dos transeuntes eram a resposta do oráculo e a decisão de Hermes. Esse método, direto e econômico, popularizou-se, passando a voz humana “**não provocada**” a ter poderes mágicos. Afinal, vox populi, vox dei”. (Junio B.,1991). O autor relata que em Portugal, **ir às vozes** passou a ser uma técnica muito usada para saber das coisas. Do mesmo jeito que Hermes responde a seus consulentes, o psicanalista cede o ouvido ao relato dos **desejos secretos**. A voz humana **não provocada** da livre associação, provoca a palavra re-velada que passa a ter “poderes mágicos”. O sujeito determinado a se analisar vai **às vozes** do seu povoado inconsciente. Esse papel de intérprete de Hermes foi lembrado num estudo sobre a interpretação na clínica psicanalítica: “é interessante observar que, mesmo na antigüidade, sem a precisão conceitual pretendida pela ciência moderna, a interpretação já aparecia além da sua forma dogmática, como interpretação cabalística, isto é, como uma prática que mantém um resíduo de mistério, permitindo que o discurso permaneça em aberto e o sentido, em suspenso. A produção divinatória da antigüidade exigia um mecanismo de intermediação que incluía a interpretação. Apolo foi um deus oracular cujas respostas aos consulentes eram ambíguas (...). A intérprete de Apolo chamava-se pitonisa ou pítia (...), respondia às consultas após um ritual prévio (...). Levando a mensagem do consultante à pitonisa de apolo, Hermes **já estaria interpretando**, como num jogo de salão em que a comunicação não se fixa em cada jogador, o sentido não se cristaliza. Na trajetória a mensagem se altera, se deforma e quando o jogo termina a mensagem final é completamente diferente da inicial, ou seja, existiriam tantos intérpretes quantos ouvintes existirem”. ( Sandra P. Barreto,1992).

A psicanálise, portanto, teria dado a **trajetória interpretativa cambiante** de Hermes, essa maior precisão conceitual pretendida pela moderna ciência, e que eu poderia chamar de INTERPRETAÇÃO DE TRAJETO.

Como já foi dito, a mais grata e, ao mesmo tempo, a mais árdua e sublime tarefa do Hermes-psicanalista, foi a de conduzir **Psiqué** (a alma personificada) ao encontro de **Eros** (o amor personificado). Sem a participação de Hermes não teríamos o mito de Eros e

Psiqué. Hermes aparece em pelo menos três momentos cruciais. Numa primeira manifestação, o anúncio do mensageiro dos deuses e dos homens induz à deliberação da amante de Eros a inaugurar seu roteiro de provações e sacrifícios que acabam por desenvolvê-la. Depois, é instado pelo senhor do Olimpo a convocar todos os deuses para uma assembléia, a fim de atender as súplicas de Eros para que lhe advogasse a causa. Por fim, aprovada, por todos os imortais, a união de Eros e Psiqué, Hermes tem a missão de raptá-la da Terra para o Céu. Então, Eros e Psiqué se “re-uniram” para sempre. Portanto, assim que o Psicanalista-Hermes opera no sentido dessa união, sabe que se de um modo o conflito é alienação, de outro, é a base do desenvolvimento que conduz o analisando a perceber que não é mais possível permanecer no seu anterior estado inconsciente. Alista-se o Psicanalista como o agente que provoca a dolorosa trajetória em busca da individuação. O sujeito é provocado a abandonar os aspectos infantis inconscientes de sua realidade, e através de ação própria permite que sua psiqué se acerque do amor. Na Psiqué temos um Eros interno que nos possibilita assumir o próprio destino. Emergindo das trevas, Psiqué toma consciência de Eros - (consciência que leva a um encontro alteritário com o outro e consigo mesmo). A praxis psicanalítica de Psiqué transforma Eros e vice-versa. Tem-se o auto-conhecimento que permite o crescimento da consciência e o desenvolvimento psíquico. É a construção de uma história individual que possibilita o encontro, no que se morre para o renascimento do **homo novus**. É como guia dessa união e re-união de Eros e Psiqué que Hermes, o psicanalista, trabalha para o fortalecimento do eu, gerador da estabilidade. Presencia a luta do analisando em seu próprio habitat, que é a luta contra a própria morte. Acompanha passo a passo uma Psiqué em psicanálise cumprir as quatro tarefas<sup>15</sup> e buscar a redenção através do amor, representado pelo casamento com Eros, onde o sujeito faz as pazes com a sua sexualidade e liberta-se do jugo da neurose. Psiqué foi recebida no Olimpo como esposa de Eros e seu guia foi Hermes, que na missão exerce sua função de psicopo, condutor da alma. É o psicanalista-Hermes quem facilita um desfecho favorável para essa união que realiza, simbolicamente no sujeito, a transformação deificante do amor. Conquista-se com uma Psiqué erotizada um lugar no Olimpo, no reino da saúde psíquica. Do enlace Eros-Psiqué nasce uma menina, que é ao mesmo tempo “volúpia e benaventurança”.

Freud nos fala com “divina” compreensão que sem esse casamento abençoado pelos Deuses, não é possível vencer as forças ctônias dos conflitos neuróticos. Em um trabalho do século passado, “A Sexualidade na Origem das Neuroses”, demonstra isso com rara poesia:

---

<sup>15</sup> Tarefas impostas a Psiqué por Afrodite, mãe de Eros, que poderiam significar para nós, as provações por que passa o analisando durante os anos de sua análise.

”além do mais, é do interesse geral que um mais alto grau de honestidade quanto as coisas sexuais se torne um dever entre homens e mulheres mais do que se tem esperado até agora(...). Em matéria de sexualidade somos todos, no momento, doentes ou sãos, nada mais que hipócritas”(S. Freud,1898).

Ao provocar os cientistas da época a pesquisar medidas preventivas da concepção, preocupasse em libertar a atividade sexual das restrições impostas pelo risco da procriação não intencional. Enaltecendo a satisfação do ato, antecipa o gênio, a revolução que iria se dar com o advento da pílula anticoncepcional nos anos cinquenta:

“Mas, como se sabe, não possuímos no momento nenhum método de impedir a concepção que preencha cada requisito legítimo...Tal fato coloca para os médicos uma tarefa prática para cuja solução eles podiam dobrar suas energias com resultados compensadores. Quem preencher essa lacuna em nossa técnica terá preservado o prazer da vida(...); embora, é verdade, tenha também pavimentado a estrada para uma drástica mudança em nossas condições sociais”.

(S.Freud, 1898).

Faz por fim uma apologia apaixonada do “casamento de Eros e Psiqué quando coloca a Psicosexualidade (conjunção dos deuses) como atributo indispensável da saúde pública:

“É matéria de interesse público que o homem mantenha relações sexuais em toda a sua potência(...).Toda a comunidade devia interessar-se pelo assunto e dar seu apoio à criação de regulamentos geralmente aceitáveis(...).Muito mais teria que ser modificado. Será necessário romper a resistência de uma geração de médicos que não pode mais lembrar sua própria juventude; necessário vencer o orgulho dos pais que não querem descer ao nível da humanidade diante dos olhos de seus filhos; necessário combater o insensato puritanismo das mães(...).Mas, acima de tudo, será necessário criar um espaço na opinião pública para a discussão dos problemas da vida sexual. Há bastante

trabalho para se fazer nos próximos cem anos, nos quais nossa civilização terá que aprender a equacionar as reivindicações de nossa sexualidade”(Freud, 1898).

Já estamos há quase **cem anos** dessas palavras e ainda há muito trabalho, até que o homem possa lembrar as reflexões freudianas, que se valeu do mito de Eros para designar as próprias pulsões que mantêm a vida; até que possa perceber como os poetas que nessa busca Eros é a própria Psiqué transfigurada em amor: <sup>16</sup>

*Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A Quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que , já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E torna-lhe a frente esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado.  
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino -  
Ela dormindo encantada  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.*

<sup>16</sup> PESSOA, Fernando. Eros e Psiqué. Poesia. Freud fez justiça ao pionerismo dos poetas nos caminhos pelo inconsciente quando afirma: “SEJA QUAL FOR O CAMINHO QUE EU ESCOLHER, UM POETA JÁ TERÁ PASSADO POR ELE ANTES DE MIM”.

Passo agora a relatar as características de **Exu**. “Personificação do princípio da transformação. Participa de tudo o que existe (...). Concede o seu apoio a quem lhe oferece sacrifícios, mas a aliança tem que ser constantemente renovada (...) Enreda e desenreda os caminhos do mundo. É um **Trickster**<sup>17</sup>. (Augras,1983). O Psicanalista Exu, assim como Hermes, também personifica o princípio da transformação. Concede seu “apoio” a quem se sacrifica na árdua tarefa de associar livremente, em busca da aliança transferencial que se renova constantemente. Aqui também, como Hermes, enredam-se (ligam-se) e desenredam-se (desligam-se) caminhos. É também um malandro. “São inúmeras as peças que pega. Não expressam malignidade, antes resultam dessa pluralidade, dessa polivalência, dessa capacidade de ser um e múltiplo, imutável e cambiante (...) Foi chamado **Elegbara**, ou seja, “senhor do poder de transformação”. Em nossa tarefa psicanalítica são inúmeras as peças que se pregam, e que, longe de serem um mal, fiam o processo. Como objeto da transferência, o Psicanalista é símbolo da pluralidade, da polivalência, ao mesmo tempo um e vários. Sabe-se que “Exu engole tudo que lhe vem pela frente (...) Acaba engolindo a própria mãe. **Omurilá**, senhor do destino e pai de Exu, não gostou - o filho pretendia comer o próprio pai. Este o esperava, de espada em punho (...) Resolveram entrar em acordo, Exu devolveria a sua mãe. (Augras,1983). Engolir a mãe e devolvê-la após acordo com o pai destino, sugerem a superação dos desejos edípicos com a instauração da lei paterna, que esteve ameaçada de ser engolida. “Ele transforma tudo, por ter engolido e devolvido tudo. Exu (...) aquele que restitui a fecundidade do mundo,(...) é a unidade que se multiplica até o infinito, ou mais precisamente, é a unidade que, acrescentada aos números pares, transforma o estático em dinâmico<sup>18</sup> (...) Quando Elegbara engoliu e restituiu tudo, mostrou que é a boca que organiza o mundo, através da fala. É a palavra proferida que recria o mundo, percebido (engolido) e devolvido com significado próprio (...), que transmite a força sagrada das palavras. Exu é o princípio que possibilita transportar e distribuir o **Axé**. A abertura da fala (...) é também regida por Exu. Ele é o deus de todas as aberturas, orifícios do corpo ou portas das casas, guardião dos ritos (boca coletiva)”(Augras,1983). **ENGOLINDO (ESQUITANDO) e DEVOLVENDO (INTERPRE-TANDO)** se processa a transformação psicanalítica que restitui a fecundidade do mundo anímico. Com seu poder multiplicador, através da fala (do

<sup>17</sup> Foi gratificante encontrar os reforços teóricos às nossas intuições. Uso a primeira pessoa do plural, pois quando eu falava de Hermes, foi minha mulher que observou: “Esse é o Exu!” Em obras distintas J. Brandão se refere a Hermes da mesma forma que M.Augras a Exu, ou seja, um Trickster.

<sup>18</sup> A unidade que é acrescentada aos pares pode representar aqui a metáfora da lei paterna, que confere a dinâmica social, ao romper a simbiose mãe-bebê. Pode também ser pensada como expressão positiva da pulsão de morte, que passa a configurar o princípio de constituição do objeto e estruturação do psiquismo.

lógos), assim como Hermes, o Exu psicanalista transforma o estático em dinâmico. É a palavra PRO-FERIDA (a fala) , PRE-FERIDA (o falo) <sup>19</sup>(1). que organiza e recria, com significado próprio, o mundo interno. Escutando(engolindo) e interpretando(devolvendo), o Psicanalista pretende transmitir o **sagrado**, o **secreto** reprimido da alma. Transporta e redistribui o **Axé-libido**, que abre a boca (a fala) e possibilita o experimento dos orifícios pessoais<sup>20</sup>. na experiência do coletivo. “É o mediador entre todos os elementos do sistema, chama os mortos, grande mensageiro, grande transportador de Axé (...), encarrega-se de levar o perigoso pacote formado pelos despojos nos rituais fúnebres (...), que remetem a **Eleru**, senhor do carrego. O despacho pertence a Exu, a encruzilhada também, por ser ele o senhor de todas as direções do espaço e do tempo: ele matou um pássaro ontem, com uma pedra que somente hoje atirou”(Augras,1983). Nesse momento é intensa a semelhança do deus grego e a divindade nagô. Hermes transita, como vimos, nos três níveis. Exu faz a mediação entre todos os elementos do sistema, funções que no Psicanalista são compreensíveis pelo esforço de instrumentar a mediação entre as instâncias do sistema psíquico em conflito (Id, ego e superego). Assim como Hermes e Exu, o Psicanalista é o mensageiro que traz as mensagens do “além” ( inconsciente). Ora lida com o transporte do **Axé(libido)**, ora dos despojos fúnebres (**pulsões de morte**). A arte do “carrego” de Exu, ou do “envio” de Hermes, sugerem mais uma vez o papel de guiar as almas, “os trabalhos”, os “despachos”, que são livremente associados. Está o Psicanalista nos caminhos, nas **encruzilhadas**<sup>21</sup>. Milita em todas as direções do espaço e do tempo. O passado recordado re-acorda no presente. No ato psicanalítico os fenômenos da **condensação** e do **deslocamento** dão esse sentido multidirecional e intemporal. A lei física, de que “dois corpos não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço” perde sua força. Temos a energia móvel, a isenção de contradição mútua, a intemporalidade características do inconsciente. **“Ele matou um pássaro ontem, com uma pedra que somente hoje atirou”**. Muitas vezes, e na maior parte do tempo atemporal, o Psicanalista Exu mata a charada do passado de ontem, com a pedra- interpretação que só no hoje do “aqui agora” formulou. “(...) Fecha portas e caminhos com a mesma facilidade com que os abre ( o ad utrumque peritus de Hermes). Sendo um Trickster, atar e desatar as redes de comunicação constituem seu passatempo favorito”(Augras,1983). Em uma análise, “hábil em ambas as funções”, fecham-se portas e caminhos (falsas conexões)

<sup>19</sup> Mais uma alusão à minha formulação de que o mito proferido é o mito preferido, ou guarda relação com esse último - Vide Prelúdio mítico.

<sup>20</sup> Refiro-me às diversas fases da libido que experienciadas em análise integram o sujeito - oral, anal, fálico e genital.

<sup>21</sup> Lembro mais uma vez a encruzilhada edípica fundante.

assim como abrem-se outros. Atar e desatar as redes de comunicação, constituem parte do exercício psicanalítico. “A atividade sexual é comunicação e multiplicação, liga-se portanto a Exu. Um de seus emblemas é o bastão (Ôgo) que possui a interessante propriedade de transporta-lo **aonde quiser**, em **um instante**. Esse bastão apresenta características fálicas”(Augras,1983). A sexualidade estéril e incomunicável, a serviço da neurose, desafia o Psicanalista, que outorgado como instrumento (bastão) de liberdade, toma para si a função de co-participar para ativá-la, devolvendo ao sujeito a capacidade de comunicar-se e multiplicar-se. O ôgo de Exu é o caduceu de ouro de Hermes, renovado no cajado de São Cristovão, símbolos desses padroeiros dos caminhos e dos caminhantes. Com a propriedade de transportar em **um instante** (simultaneidade do insight) o analisando, para “**um aonde quiser**”da sua história pessoal, esses bastões apresentam as características fálicas que sublinham a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva psicanalítica. “Exu é representado, (...) por portentosos falos erguidos nas encruzilhadas e na entrada dos templos(...). Estatuetas com falo bem saliente. A **saliência**, com todos os sentidos populares da palavra, parece ser mesmo a marca registrada de Exu. É o deus de tudo aquilo que é separado, dividido”(Augras,1983). É preciso ser **saliente** para tornar **saliente** aquilo que esta chafurdado na mesma maçaroca inconsciente. Aquilo que deve ser objeto do **se-paro**, do **re-paro** <sup>22</sup>, que deve ser clareado, elucidado, evidenciado, ressaltado. É o salientar o despercebido. Separa-se e une-se, soma-se e subtrai-se, divide-se e multiplica-se, e torna-se a separar, unir, etc... Operamos com todas as operações. “Nos terreiros, que receberam forte influência católica, Exu foi confundido com o diabo. Dois fatores parecem ter facilitado essa assimilação: Primeiro, seu caráter fálico, sua safadeza, que fazem dele uma criatura pecaminosa aos olhos puritanos; segundo, sua magia dirigida contra os senhores de escravo, vista como coisa diabólica. No entanto, em nada lembra a encarnação do mal. É perigoso, mas é por ser muito poderoso (Augras,1983). A **moral sexual civilizada** transforma Exu no diabo, a saliência no mal, o **dito** no **maldito**. Freud lembra que esse foi o conceito atribuído aos psicanalistas e suas ações. “A idade média atribuía, com absoluta coerência, todas essas doenças à influência de demônios e, nisso, a sua psicologia era quase correta. Na verdade, não ficaria supreso em ouvir que a psicanálise, que se preocupa em revelar essas forças ocultas, tornou-se assim **estranha** para muitas pessoas, por essa mesma razão”(Freud,1919).

Concluimos, portanto, que o Psicanalista do saber suposto é uma espécie de “reencarnação” dessas divindades e que, na psicanálise estão inscritas muitas das passagens desses mitos. Senão vejamos: sem Exu, senhor da transformação, de gênio contrariante, nada

---

<sup>22</sup> Reparo não só no sentido de observar, notar, mas também de restaurar.

se faz. Todo aquele que interpreta a realidade de modo parcial, percebendo apenas um aspecto (o manifesto), somente encontrará conflito. É preciso considerar a totalidade (os opostos), dos quais o Psicanalista-Exu permite fazer a síntese. Exu-Elegbara foi cortado em pedaços para regenerar-se em seguida e reunir simbolicamente o universo inteiro pela força da palavra, do lógos hermético. Assim como Hermes e Exu, o Senhor do suposto saber provoca o conflito, para promover a síntese, ou seja, a união de Eros e Psiqué. Tudo o que se une, se multiplica, se separa e se transforma, tudo isso, é Exu, Hermes, o Psicanalista enquanto mito, é a Psicanálise. Exu que recebe infintos cortes e que recompõe-se sem limite de vezes, alude à “**vida e morte em psicanálise**”, ou ainda, à “**morte e vida Severina**”.<sup>23</sup>. Nos leva ao próprio ciclo da vida, com todas as suas contradições; separações e sínteses; começos, fins e recomeços. Ciclo sobre o qual debruçamos curiosos nossas esperanças, e pelo qual, nos últimos anos de sua vida, desabafa o gênio inquieto de Leonardo.:

*“Agora se vê que nossas esperanças de voltar as origens são como as mariposas tentando atingir a luz. Somos pois como o homem que está sempre esperando com a alegre curiosidade, pela nova primavera e pelo verão seguinte, sempre à espera de novos meses e anos. E quando o tempo por que ansiamos chega, sempre parece que é tarde demais. Não notamos que nossa ansia carrega em si o germe de nossa própria morte. Mas deve-se saber que esse anelo é a essência da vida e que o homem é o modelo do mundo”.*  
(LEONARDO DA VINCI)

### **III - MITO, UM ESTRANHO ? : Uma Teoria Psicanalítica do Mito.**<sup>24</sup>

Penso ter encontrado no trabalho “O estranho” , de Freud, material primoroso que vai me oferecer todos os argumentos para compor, com os instrumentos da psicanálise, minha cantata mítica. O trabalho de Hanna Segal, “Notas sobre a formação de símbolos”, me dá os elementos adicionais para realizar os “arranjos”de minhas formulações.

<sup>23</sup> Referência as obras de Jean Laplanche e João Cabral de Melo Neto respectivamente.

<sup>24</sup> Trabalho apresentado no Encontro Psicanálise, Ciência e Cultura, comemorativo dos 40 anos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro – Colégio Brasileiro de Cirurgiões – RJ – 14-16 de dezembro de 1995.

Estimulado por um hábito intelectual, fiquei elucubrando, o que sucederia se, em lugar de “pêras”, tivéssemos “maçãs”? E se o trabalho de Freud, de 1919, se chamasse “**O mito**” ao invés de “**O estranho**”? Refiro-me a um processo de substituição. Onde surge a palavra “estranho” introduzo a palavra “mito” ou “mítico(a)”. É evidente que esse exercício substitutivo não foi fruto do acaso. Lembro as idéias aludidas na primeira parte - Prelúdio mítico - onde vimos que se, por um lado, o mito é o concreto real, por outro, é mistério (Geheimnis). É o “**estranho no familiar**”. Então vejamos:

“O tema do mito relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador e que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar (...). “Aquilo que é mítico é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torna-lo mito”. Nas palavras de Schelling, “mito é o nome de tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz”.

Nesse estudo, Freud, depois de longa pesquisa do termo “Unheimliche, chega à conclusão de que este se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto. Portanto, **mito é o estranho e o familiar**, e como já vimos mistério (velação) e revelação. Freud, ao afirmar que algo tem de ser acrescentado para termos no novo o sentimento de mito, deságua no complexo de castração. “O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos ensinou-nos que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado. A ameaça de ser castrado excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura”. Podemos supor, nesse momento, O ESTREITO VÍNCULO DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO COM A FUNDAÇÃO DO MITO. Temos então: O MITO EDÍPICO EM TODOS OS DEMAIS MITOS. TODO MITO TEM EM SUA ESTRUTURA PRIMÓRDIA O MITO DE ÉDIPO”. Desdobra-se o raciocínio freudiano aqui, mostrando que “a fonte de mitos não seria (...), portanto, um medo infantil mas, antes, seria **um desejo ou até mesmo simplesmente uma crença infantil**”. Atento, nesse momento, para a estreita relação de medo e desejo na teoria psicanalítica, e a influência que exerce sobre a fabricação de crenças.

Quando o autor chama atenção para os temas míticos que se destacam mais, lembra o fenômeno do duplo. É o **duplo como mito**. “O sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu por um mito”. “Originalmente, o duplo(mito) era uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte (...), **a alma imortal foi o primeiro mito**. Essa invenção do mitificar (duplicar) como defesa contra a extinção tem sua

contraparte na linguagem dos sonhos<sup>25</sup>, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital”. A história bíblica que fala do milagre da multiplicação dos pães, transformada num mito cristão da maior magnitude, não deixa de ter esse significado oculto, qual seja, uma defesa contra a extinção. Passo então a descrevê-la:

#### Primeira multiplicação dos pães.

13, 14,..15. E vindo a tarde, se chegaram a ele seus discípulos, dizendo: deserto é este lugar, e a hora é já passada. Deixa ir essa gente, para que, passando às aldeias, compre de comer. 16. E JESUS lhes disse: Não têm necessidade de se ir. Dai-lhes vós outros de comer. 17. Responderam-lhe: Não temos aqui senão *cinco* pães e *dois* peixes.18. Jesus lhes disse: Trazei-mos cá. 19. E tendo *mandado à gente que se recostasse* sobre o feno, tomando os cinco pães e os dois peixes, com os olhos no céu *abençoou e partiu os pães, e os deu aos discípulos*, e os discípulos ao povo. 20. E comeram todos, e se saciaram. E levaram, do que sobejou, *doze* cestos cheios daqueles fragmentos. 21. E o número dos que comeram foi de *cinco* mil homens, sem falar em mulheres e meninos”.( 14,13-20)

#### Segunda multiplicação dos pães.

32. Mas JESUS chamando a seus discípulos disse: Tenho compaixão destas gentes, porque há três dias que perseveram comigo, e não têm que comer: E não quero despedi-los em jejum, por que não desfaleçam no caminho 33. E os discípulos lhe disseram: Como poderemos nós pois achar neste deserto tantos pães, que fartemos tão grande multidão de gente? 34. E JESUS lhes perguntou: Quantos pães tendes vós? E eles responderam *sete*, e uns poucos de peixinhos. 35. Mandou ele então *à gente que se recostasse sobre a terra*. 36. E tomando os *sete* pães e os peixes, e dando graças, *os partiu, e deu aos seus discípulos, e os discípulos os deram ao povo*. 37. E comeram todos e se fartaram. E dos fragmentos que sobejaram, levantaram *sete* alcofas cheias. 38. E os que comeram foram quatro mil homens, fora meninos e mulheres. (Mt 15,32ss).

Descrevo ainda para atender os meus propósitos o relato bíblico da última ceia, segundo Mateus:

#### Instituição da Eucaristia

20. Chegada pois a tarde, pôs-se Jesus à mesa com seus *doze* discípulos. 21,22,23,24,25....26 . Estando eles, porém, ceando, tomou Jesus o pão e benzeu-o e *partiu-o e deu-o a seus discípulos*,...(Mt. 26, 29-29).

<sup>25</sup> Que é a linguagem dos mitos - ver a primeira parte do trabalho (Prelúdio mítico).

Chamo atenção para a “numerologia” que se repete. *Cinco* pães e *dois* peixes (5+2=7). *Doze* cestos. *Cinco* mil homens. *Sete* pães, *sete* alcofas. *Doze* discípulos. Meu intuito não é interpretar o significado oculto por trás desses números, dos quais a mitologia, a religião e a mística esotérica estão coalhados, mas lembrar que o relato de números não ocorre por acaso. “Nada na mente é arbitrário ou indeterminado (Freud, 1901). “Posso tentar pensar arbitrariamente num número, mas isso é impossível: o número que me ocorrer será inequívoca e necessariamente determinado por pensamentos meus”. (Freud, 1900).

Penso que não me distancio quando vejo, no episódio da multiplicação dos pães, expressão de uma defesa contra a representação da **fome-castração**. O rogo “pão nosso de cada dia nos dai hoje” da oração do Padre-nosso, não deixa de ser o **Pão-Pai-nosso**. Dessa maneira, confia-se a **Deus-Pai** o nosso suprimento vital (integridade do eu). No ato de rogar o pão desejamos ser poupados da **castração-fome-morte**, fazendo a vontade do pai - “seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. O *partir e dar a seus discípulos* conjuga duas operações: divisão e multiplicação. Corte e aporte, mutilação e regeneração, injúria e reparação. O *mandar à gente que se recostasse* parece alusão ao **sono**, portanto, ao **sonho**.

Aqui, como teorizou Freud, temos a notória vinculação do Complexo de Castração com o Complexo Paterno. A relação ambivalente com o pai. No mesmo trabalho, “O estranho”, Freud, ao descrever uma história misteriosa, revela esses sentimentos opostos em que a imagem paterna é dividida pela ambivalência. Enquanto um ameaça cegar o protagonista, isto é, castrá-lo, o outro, o “pai bom”, intercede pela sua visão. “(...) A verdade psicológica da situação, em que o jovem, fixado no pai pelo seu complexo de castração, torna-se incapaz de amar uma mulher, é amplamente provada por numerosas análises de pacientes (...)”. (Freud, 1919).

Podemos ver então em Jesus, uma espécie de **amor-devoção** ao pai que o faz renunciar ao amor das mulheres e resistir, como cristo, **à última tentação**<sup>26</sup>, canalizando todo seu amor ao **próximo-humanidade-pai**. Arrebatado por sentimentos e emoções ardentes, mas também dominado pelo sofrimento do martírio, imola-se o Nazareno na **paixão**. As últimas palavras do Messias na crucifixão demonstram toda a ambivalência de sua disposição afetiva em relação ao pai. Rende o espírito - “Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito” (Lucas 23, 39), “Tudo está cumprido” (João 19, 29) - ao mesmo tempo que registra seu estado de abandono - “Eli, Eli, lamma sabacthani ? que quer dizer: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mt 27,46) e (Marcos 15, 34).

A passagem bíblica da aparição a Maria Madalena ilustra essa fixação ao complexo paterno que impede o amor as mulheres, da qual Freud se refere. Indagam os anjos a Madalena :

13.(.....) Mulher, por que choras? Respondeu-lhes ela: Porque levaram o meu senhor e não sei onde o puseram. 14. Ditas estas palavras olhou para trás, e viu a Jesus em pé; sem saber contudo que era Jesus. 15. Disse-lhe Jesus: - Mulher, por que choras? Ela, (.....) disse-lhe:- Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste: e eu o levarei. 16. Disse-lhe Jesus: - Maria. Ela voltando-se, lhe disse: Mestre. 17. Disse-lhe Jesus: - *Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai*: mas vai a meus irmãos, e diz-lhes que vou para meu pai,(.....) (João 20, 11-18).

<sup>26</sup> Refiro-me ao amor de Maria Madalena.

Após essa longa digressão, volto ao texto de Freud em questão: “Tais idéias (do duplo, da imortalidade da alma), no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo (nativo-heimisch). Entretanto, quando essa etapa está superada o mito inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte (...). A idéia do duplo (do mito) não desaparece necessariamente ao passar o narcisismo primário, pois pode receber novo significado dos estádios posteriores do desenvolvimento do Eu. Forma-se ali, lentamente, uma atividade especial, que consegue resistir ao resto do ego, que tem a função de observar e de criticar o Eu e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa consciência (...). Há também todos os futuros, não cumpridos mas possíveis a que gostamos ainda de nos apegar, por fantasias; há todos os esforços do Eu que circunstâncias externas adversas aniquilaram, e todos os nossos atos de vontade suprimidos, atos que nutrem em nós a ilusão da vontade livre”. Nesse momento, mito é **auto-observação**, é **auto-crítica**, é **delírio de referência ou persecutório**. É o futuro fantasiado, o lidar com o mundo externo, o ato de vontade, a esperança de ser livre. RELACIONO PORTANTO O MITO AO SUPEREGO E AO IDEAL DE EGO. Como se fosse uma atividade dessas instâncias psíquicas. **Podemos observar nos delírios paranóicos verdadeiras epopéias míticas.**

O fator da repetição em determinadas circunstâncias provoca, indubitavelmente, uma sensação estranha (mítica), como o retorno involuntário da mesma situação. “É apenas esse fator de repetição involuntária que cerca o que, de outra forma, seria bastante inocente, de uma atmosfera mítica, e que impõe a idéia de algo fatídico e inescapável”. Aponto como essas duas últimas qualidades guardam relação com aspectos essenciais do mito, ou seja, a **fatalidade** e a **inexorabilidade**. Freud atribui à psicologia infantil o estranho (mítico) efeito da ocorrência da repetição. Portanto, poderia me ancorar no mestre, para nesse momento afirmar que A MITOLOGIA ESTÁ IMPREGNADA DA PSICOLOGIA INFANTIL. Após reconhecer no inconsciente essa tendência à repetição, observar seu caráter instintivo que prevalece sobre o prazer e empresta à mente um caráter demoníaco e que é expresso claramente nas crianças, Freud nos diz: “Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima “compulsão à repetição” é percebido como mito”. Portanto, para mim, A COMPULSÃO À REPETIR É AQUILO QUE CONFERE AO MITO SEU CARÁTER DE FATALIDADE e INEXORABILIDADE.

Fazendo uso da análise de Freud sobre o mau-olhado, pude inferir que o MITO PODE SER REFERIDO AO PRINCÍPIO DA ONIPOTÊNCIA DE PENSAMENTOS, à concepção animista do universo. “Tudo aquilo que agora nos surpreende como mito satisfaz a condição de tocar aqueles resíduos de atividade mental animista dentro de nós e dar-lhes expressão”. Ao entrar no que considera a essência do estudo, Freud demonstra que o que amedronta pode mostrar-se algo reprimido que retorna. “Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o mito. **Pois o mito não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão**”. ENTÃO, VEJO NO RETORNO DO REPRIMIDO ALGO ESSENCIAL NO APARECIMENTO E REAPARECIMENTO DO MITO. Chega Freud, por conseguinte, a um ponto crucial: quando o mito fica miscigenado ao que é puramente horrível e se relaciona com nossa ligação com a morte - idéias e sentimentos que pouco mudaram desde os primórdios. “O primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação (...). O animismo, a magia e a bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude do homem para com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração, compreendem praticamente todos os fatores que transformam algo assustador em mito”. Afirmo portanto: O MITO ORIGINA-SE DA SUA

## PROXIMIDADE AO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO, SENDO SUA INSPIRAÇÃO NOSSA RELAÇÃO COM A MORTE.

Temos então um ponto de aplicação geral segundo Freud: “Um mito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, como quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando o símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza. Pode ser verdade que o mito seja algo que é secretamente familiar, que foi submetido à repressão e depois voltou, e que tudo aquilo que é mítico satisfaz essa condição”. Nessa ocasião o autor levanta, ao seu estilo, uma questão: “Nem tudo o que evoca desejos reprimidos e modos superados de pensamento, (...), é por causa disso mito. Ao grifar o interesse psicanalítico pelo problema do mito, deixa a indagação de “qual seja exatamente o valor da nossa argumentação geral, de que o mito provém de algo familiar que foi reprimido. Em seu conhecido modo de se contra argumentar, e depois de levantar uma série de possíveis exceções ao enunciado, Freud demonstra que essas são do **domínio da ficção**, da literatura imaginativa; e que **“devemos distinguir entre o mito que realmente experimentamos e o que simplesmente visualizamos ou sobre o qual lemos”**. Pode-se então sustentar a tese de que é o **mito algo familiar que foi reprimido**. Voltaremos depois a esse ponto.

No que diz respeito ao **mito experimentado** separa duas eventualidades: quando o mito está ligado à onipotência de pensamentos, ao animismo. Superou-se esses modos de pensamento, mas as antigas crenças existem ainda dentro de nós. “Tão logo acontece realmente em nossas vidas algo que parece confirmar as velhas e rejeitadas crenças, sentimos a sensação do mito”. E conclui: “A coisa toda é simplesmente uma questão de teste de realidade”. A outra eventualidade se dá quando o mito provém de complexos infantis reprimidos, do complexo de castração, das fantasias intra-uterinas. Quando o mito se origina de complexos infantis, a questão da realidade material não surge. O seu lugar é tomado pela realidade psíquica. Implica numa repressão real de algum conteúdo de pensamento e num retorno desse conteúdo reprimido, não num cessar da crença na realidade de tal conteúdo<sup>27</sup>. Passo a afirmar a partir dessas considerações que MITO AQUI É O RETORNO DO REPRIMIDO - **um mito ocorre quando os complexos infantis reprimidos reacendem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem novamente confirmar-se.**<sup>28</sup>

Adiante abordarei o **mito em ficção**, onde seu conteúdo não se submete ao teste de realidade.

Parto agora para um segundo momento de minhas considerações, onde aproximo o conceito de mito ao de símbolo. “Mito é sempre símbolo ( **bállo** - dançar, lançar, enviar, colocar dentro de um caminho, **syn** - indica que a estrada não está determinada<sup>29</sup>). O homem é um caminhante porque está no símbolo ou no mito da linguagem da vida”(A.Buzzi,1975). Utilizando-me do mesmo recurso, faço uso do trabalho de Hanna Segal, de 1957: “Notas sobre a formação de símbolos”, onde toda vez, substituo no texto a palavra símbolo por mito. Com isso, passo a empregar mais munção de um arsenal psicanalítico, no intuito de teorizar o mito.

Hanna cita logo no início as idéias de Ernest Jones a respeito do Simbolismo inconsciente: I. Um mito representa o que foi reprimido e afastado da consciência. E todo o

<sup>27</sup> “Num caso, o que fora reprimido é um determinado conteúdo ideativo, e, no outro, a sua realidade material”(Freud,1919).

<sup>28</sup> “Mas a distinção é nebulosa, pois as crenças primitivas superadas, relacionam-se mais intimamente com os complexos infantis reprimidos, e na verdade baseiam-se neles”(Freud,1919).

<sup>29</sup> Dentro de nosso estudo podemos considerar Tot, Hermes, Exu e o Psicanalista do suposto saber como divindades que estão no símbolo, indicando que se por um lado a estrada não está determinada, por outro, estamos dentro de um caminho.

processo de mitificação se opera de forma inconsciente. II. Todos os mitos representam idéias sobre o self, parentes consangüíneos, fenômenos do nascimento, vida e morte. III. Um mito tem um significado constante. Pode-se utilizar muitos mitos para representar uma mesma idéia reprimida, no entanto, um dado mito tem um significado constante e universal. IV. A mitologia constitui o resultado do conflito intrapsíquico entre “as tendências repressoras e o reprimido”. Ademais, somente o reprimido se mitifica, só o reprimido necessita se tornar mito.

Vamos então a Hanna Segal: “A formação de mitos é o intento do eu de manejar as ansiedades que desperta sua relação com o objeto. Basicamente, se trata do temor aos objetos maus e a perda ou inacessibilidade dos objetos bons. “A formação de mitos começa muito cedo (...), sofre modificações quanto ao seu caráter (conteúdo) e suas funções (a maneira como esses se formam e se empregam) com as mudanças no caráter do eu e nas relações objetais. “As primeiras projeções e identificações configuram o começo do processo de formação de mitos. Penso que a identificação projetiva guarda estreita relação com a formação dos mitos ( o eu se confunde com o objeto). “O mito é necessário para afastar a atenção do objeto original e diminuir assim a culpa e o temor a perda (...). Também se criam mitos no mundo interno como meio de restaurar, recrear, reconquistar e voltar a possuir o objeto original(...). Os mitos, internamente criados, podem voltar a projetar-se então sobre o mundo externo, dotando-o de significado mítico (...). O mito não se emprega para negar e sim para superar a perda (...). A formação de mitos governa a capacidade para comunicar-se, pois toda comunicação se realiza por meio de mitos (...). Os mitos são necessários não só para a comunicação com o mundo externo como também para a comunicação interna (...). As pessoas que estão em bom contato consigo mesmas apresentam uma formação de mitos livre e constante (...). A capacidade para comunicar-se consigo mesmo mediante o uso de mitos é a base, em minha opinião, do pensamento verbal (...). A palavra mito provém do termo grego que denota **re-unir, integrar**. O processo de formação de mitos é um constante processo de re-união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objeto e das experiências prévias com as posteriores”.

Temos com esses argumentos , a rigor, A FORMAÇÃO DO MITO PENSADA A PARTIR DAS RELAÇÕES DE OBJETO, **onde o papel desempenhado pelos mecanismos de introjeção, projeção e identificação projetiva são fundamentais. O mito pode também ser pensado a partir da própria teoria da comunicação**, envolvido com a capacidade do diálogo interno e externo, reunião e integração eu/mundo externo.

#### IV - VOCÊ DECIDE : Um libelo acusatório aos mitos da atualidade.

Como é possível ao livre pensador atuar despreocupado diante do devastador poder de se poluir o pensamento? Parido de um processo de amplificação que acabou por formar o “recinto cultural” do homem moderno, **o circo está montado**. Os avançados meios de comunicação, ao propagarem informações noticiosas e culturais despidas dos mais singelos cuidados éticos do interesse coletivo, fomentam, de forma brutal, uma corrosão dos conjuntos de conhecimentos da humanidade. Algo desvairados, assim como “baratas tontas”, buscamos antídotos que possam apaziguar os efeitos desses inceticidas eletrônicos - sobreviventes baratas de um **day after** sui generis. Proliferam-se como “macabros cogumelos” as “tendas de milagres”; os florais, de **Bach à Sula miranda**<sup>30</sup>; o marketing pesado e colorido da

<sup>30</sup> Referência a uma cantora de música sertaneja, dentro de um contexto irônico.

psicofarmacologia industrial; os ortomoleculistas que acabam por gerar ortomolequistas com suas ortomoleculagens; as “**neuros**” que legitimam as pra-frentíssimas correntes de neuroprogramações. Nasce o homem bem informatizado. Espécie de Rambo “programado para matar” as fobias e demais distímias. Bem equipado, encontra facilmente, nas boas e más casas do ramo, os Kits necessários para a manutenção laboratorial dos programas. Animadores fazem de tudo para seus “macacos de auditórios”. Fitas de pensamento positivo, amuletos refinados, artes livrescas lembrando que o “sucesso não ocorre por acaso”, ou “como fazer amigos e influenciar pessoas”. Valiosas brochuras anti-brochuras na lista dos mais vendidos, dos mais rendidos aos encantos desses artefatos de alta rotatividade..

Como um bastião “fora de moda”, persiste teimosa a ciência psicanalítica. Comprometida com os interesses mais singulares da alma, resiste aos seus detratores e maquiadores. Tombada como patrimônio do saber humano não ficou restrita como atributo exclusivo dos psicanalistas. Ainda de pé, nos permite perceber, que distanciados do **mito dito**, **mitos malditos** são inculcados no homem quase atavicamente. Alguns desses, instigadores de malefícios, desequilíbrios e incompreensões que ameaçam nosso cotidiano.

**Decidir** (do lat. *decidere*), da mesma forma que é determinar, resolver, deliberar; é também fazer tomar decisão, convencer, persuadir, induzir. Vimos também que se o mito é por um lado o **dito**, a parole revelada, e que guarda, na sua narrativa, profunda relação de significação com aspectos da condição humana, por outro, é idéia falsa, sem correspondente na realidade, que eu denomino no presente trabalho de **mal-mito** ou **mal-dito**. O pesquisador Sérgio Medeiros nos fala que o “mito é um gênero curioso de discurso”, que “pode ser traduzido, recriado, resumido, deturpado - e nunca perde a sua essência”. Nos fala também que essa é a opinião de Claude Lévi-Strauss, para quem o cerne do mito é a própria história narrada, e não o seu estilo ou a sua sintaxe, meros acidentes linguísticos. Então, indaga o pesquisador, como escolher dentre as versões disponíveis de um determinado mito, aquela que seria a mais autorizada? E responde que “em princípio não existiria essa versão oficial - pois o mito nada mais é que o conjunto de todas as suas versões”. Tais conclusões nos lembram as observações de Freud quando de sua interpretação dos sonhos, de que para a escuta psicanalítica, os acréscimos e as versões são igualmente importantes no mapeamento do inconsciente do sonhador.

Permito-me, não obstante, opinar nesse momento. Concordarei com o Prof. Medeiros se for possível esclarecer, o que quer dizer quando ele fala em deturpado. Pois há uma diferença muito grande entre deturpação inconsciente e deturpação intencional consciente. Essa última rouba a essência do mito. Quando em setembro de 1885, Meynert, autoritário e colérico chama de mentirosa a velha senhora “indevidamente” internada por Freud, desarma-se perante os alunos, quando esse último num ato de semiologia deixa claro que há uma grande diferença entre simulação consciente e inconsciente.

Barrows Dunham, em sua obra “O homem contra o mito”, dedica-se a essa vertente do **mito-ficção** ou **mal mito**, inculcada no homem e causadora de malefícios. Albert Einstein alude ao empreendimento de Dunham como um movimento que desnuda os slogans em curso na atualidade; “slogans que, aceitos e repetidos acriticamente, desencaminham o raciocínio dos homens”(A.Einstein). E é a isso que me volto, quando falo do poder de poluir o pensamento. Descaminhos pelos quais enveredam os conjuntos de conhecimento. Conhecimento que poderia remover as causas do sofrimento, pois como sublinha Duham, “os êxitos do Homem moderno provam, acima de qualquer dúvida, que é o conhecimento, e não a fé, que move as montanhas reais”.

É sabido que **mal mitos**, ou **mito-ficções**, podem muito bem ser vantajosos para um grupo quando a crença neles se generaliza. O autor relata que há três características da sociedade moderna que os mitos têm o propósito esconder ou justificar: A recusa deliberada de abundância (produzimos com abundância somente quando o objetivo é destrutivo); a desigualdade na distribuição do que se produz (com vítimas especiais); e a falta

de controle da economia a despeito das instituições. Essas três características são de molde a tornar os mal mitos necessários. E conclui: “a maior parte dos mitos sociais é antidemocrática”. Fica então a pergunta: Quem é beneficiado pelo mitos sociais? A experiência aponta para as classes dominantes (monopolistas, cartelistas, etc.). Os “**fazedores de mito**” se utilizam do núcleo de verdade que possui alguns mitos, e, obscurecendo tal cerne por meio de deturpações, atingem seus torpes objetivos. **Mal-mitos** se difundem através dos meios de comunicação, e são examinados, como lembrou Einstein, acriticamente, isso quando são. Passam então a funcionar como reais e ninguém fica sabendo o que significam.

Fui constatando, enquanto produzia meu “Prelúdio Mítico”, que não saberia ao certo que direção seguir. Tinha razão. Dispunha-me a “acusar” alguns mitos da atualidade, mas encontrei desvios no caminho que mudaram várias vezes o meu rumo. Tudo que me cabe nesse momento, é comentar uns poucos mal-mitos do cenário atual, que muitas vezes estão a serviço daqueles que fazem das abstrações provocadas, convites à falácia. Embora seja evidente que esses mitos atuais incorporem também aspectos benéficos, desafortunadamente, penso que não predominam, pois estão normalmente a serviço da ganância que desmantela o ethos social e “passa a rasteira” na tríade que inspira esse ethos: liberdade, igualdade e fraternidade. Esses **mal-mitos** induzem as pessoas a aceitarem como válido para toda sociedade o que, na realidade, é apenas o interesse de uma determinada organização. Temos:

Sistemas Financeiros - FMI, Clube de Paris, etc.. Trata-se de agências satisfeitas que ao mesmo tempo que financiam a falência de famintas alheias, nutrem-se da massa falida das mesmas. Espécie de instituições legais de agiotagem.

Vídeo-games - Brinquedo fantástico, no entanto, com potencial para a vidiotização da infância.

Computadores - Cérebros tecnológicos que com sua linguagem informática se transformam, aos poucos, nos únicos meios possíveis de comunicação. “o sistema caiu!” ou “está fora do ar”<sup>31</sup> sinaliza a princípio seu desaparecimento como cidadão.

Aids - Dama do apocalipse. Mata de duas formas: como patologia de curso fatal inexorável e como ameaça ao desejo, que torna a obtenção do prazer resíduo de um gigantesco processo defensivo. Consomem-se “quilos” de energia na luta física e psíquica contra a consumptiva “entidade”. Na “camisinha” tem-se uma eficaz armadura de física proteção e na “camisa de força anímica” nem sempre a mesma eficácia. **Morre-se para não morrer.**

Falta de tempo - É a pressa para o atraso. Corre-se para os “fins” sem dar conta que se vão os “meios”. Não ter tempo é a rigor não ter vida. Não se pode estar em meio a mais nada. Em meio a família, em meio aos amigos, em meio a natureza, em meio ao ambiente. É a demanda do imediato. Nesse cenário aparece a drogadicção.

Privatização/desestatização - Mito atual da economia. Após o esfacelamento criminoso do patrimônio público, entrega-se como iniciativa, à competição “privada”, a sucata desfigurada. Discute-se se as empresas competentes, vitoriosas nos leilões, gerarão divisas e reduzirão os custos ou se, por outro lado, buscam saber se ainda há na carniça, carne para morder. **Você decide!**

---

<sup>31</sup> Parece ironia do destino que os sistemas bancários só saem do ar para pagar seus clientes, mas nunca para depósitos nos seus gordos cofres.

Planos Econômicos - Gênero de alquimia que visa sanear a economia sem a necessidade de levar em conta a economia. Que visa o interesse do povo sem a necessidade de pensar no povo. Se algum dia algum plano der certo, corre-se o risco de nada se obter. Parece que o possível sucesso de um plano econômico não é igual ao sucesso da economia. Não se fica sabedor do que “foi planejado”, necessariamente.

Cartão de crédito - Instrumento mágico que lhe dá a sensação de poder adquirir sem precisar dinheiro.

Dólar - Potente mediador do diálogo dos interesses. Papel que supostamente corresponde a um quantum de riqueza, que pode não existir. Chego a imaginar se todo o dólar guardado no mundo fosse trocado, não haveria os bens para pagar a todos.

Videocassete/vídeo-laser - Equipamentos geniais, cujo único efeito colateral é esvaziar as casas de exibição pública, mantendo as pessoas cada vez mais separadas.

Vício do Estado Eletrônico - O jogo hoje é monopólio do Estado tecnológico, são as “raspadinhas”, as “tele-senas”, o “papa-tudo”. Papa tudo que esvaziou uma fortaleza como o Jokey Club e desorganizou o jogo do bicho que hoje não dá a grana que deu. É evidente que os contraventores não aceitaram a competição, e meteram-se no jogo mais perigoso do tráfico de drogas, isso até não inventarem o “tele-tráfico”, ou o “cheira-tudo”.

Super-heróis do esporte - Os novos titãs. Já tivemos o “garrincha alegria do povo”, o “rei Pelé”, temos agora os meninos de ouro volei, as meninas de ouro do basquete. Nos diz o ator americano Nick Nolte: “nos EUA, os esportes estão num mundo mítico, é onde estão nossos verdadeiros heróis”. Charles Barkley, um superstar do basquete, diz: “a sociedade me vê como um modelo para os jovens e isso é um absurdo. Nenhum atleta ou artista deve substituir os pais no papel de modelo. Todo mundo acha que crianças negras devem sonhar em ser astros de basquete ou artistas de cinema. Parece que para um negro ter sucesso nos EUA precisa ser Eddie Murphy ou Michael Jordan”. É claro, a coletividade é honrada pelos seus heróis, lucram com eles e possuem um legítimo desejo por esses. Com o “inesperado” desaparecimento do nosso herói fórmula 1, pranteamos por quem nos soube honrar. Contudo, ficou evidente através do pensamento de Bertold Brecht que “pobre do país que precisa de seus heróis para viver e triste do país que esse herói morre”, no caso, imolado em Ímola.

Inflação - Dragão da sociedade de consumo.

Shopping Centers - As novas catedrais ou templos do consumo, que juntamente com os bancos transformaram-se nas grandes mecas da religião moderna.

Consumismo - De gêneros de primeira necessidade a gêneros desnecessários. De drogas lícitas a ilícitas. De con-sumir até sumir.

Esteticismo - Que encobre o grotesco comunicado. São as garotas do “fantástico” que fazem com que se esqueça o fantástico das garotas. Estímulo à “punheta” global que substitui o encontro.

Telefone Celular - Fetiche da moderna telefonia, que leva alguns exibicionistas a se masturbarem (discarem) em público.

Marketing - Idioma mais falado no mundo, se tornando aos poucos a língua universal.

Carro importado/ importados - É a potência que vem de fora. ‘Gozar com o pau dos outros’.

Super - especialização - Há demasiado o que saber, não havendo mais espaço para o conhecimento enciclopédico. Não teria sido o universo do pesquisador que se estreitou, mas o universo do conhecimento que se tornou incomensuravelmente vasto. Dá margens a “ilusionismos científicos”.

Mídia/TV - Arma mais poderosa da escalada global. Extradetermina o sujeito.

Modernização - Virou jargão. Para se ir não se sabe aonde.

Mundialização - Mega tendência.. Expressão de uma nova ordem mundial.

Poderia comentar ainda sobre inúmeros outros mitos da atualidade, tais como as disneylândias, os rôbos, os hippies tecnológicos do high-tec social, a computação gráfica e a holografia, com os efeitos especiais que prenunciam a mudança do milênio que se aproxima. No entanto, pre-firo condensar meus esforços em pro-ferir o fenômeno da globalização e seu braço direito, a mídia.

Não foi sem propósito que mencionei por último o advento da mundialização, que hoje possui proporções míticas, e que separa a velha, da nova ordem mundial. Os intelectuais, os estudiosos, os pesquisadores têm uma enorme tarefa pela frente, pois com a emergência da sociedade global, as ciências sociais são obrigadas a repensar o objeto de seu estudo. No curso histórico dessas ciências, esse objeto em constante transformação sempre guardou relação com a sociedade nacional ou com seu personagem, o indivíduo. Um concebendo o outro. Agora, com a globalização, as ciências humanas sofrem um abalo em seus significados. Temos, portanto, a missão de atuar para entender e dar a entender, as repercussões a curto, médio e longo prazo, desse fenômeno sobre o planeta. Fica a proposta.

O sociólogo Octavio Ianni mostra que se tem no neoliberalismo - penso que no mundo terceiro corresponde a uma neo-libertinagem - a nova ideologia da política mundial, onde a globalização da economia cria centros decisórios extra-nacionais, e debilita ou mesmo anula qualquer arranjo nacional. Demonstra que o mais grave diz respeito ao futuro das áreas - lembro aqui o Brasil - em que o processo de formação do estado nacional se interrompe precocemente. Nesse caso a interdependência das distintas regiões do país desaparece, enfraquecendo os vínculos de solidariedade. Os interesses dos países e as necessidades de seu povo são decisões tomadas no âmbito da empresa transnacional, como melhor convier. Qualquer tentativa de autodeterminação ou de afirmação de soberania é carta fora do baralho. Podemos pensar que a formação fanática de certas cidades-estados, como as européias (bascos, servo-croatas), acabam sendo expressões de formação reativa a esse abuso forasteiro que contamina o privado cultural dos agrupamentos humanos. Nasce as “comunidades” econômicas (CEE, NAFTA, MERCOSUL, CEI), para integrar as comunidades desintegradas. Noam Chomsky em um trabalho intitulado “velha e nova ordem mundial” cita em inspirado momento Winston Churchill: “O governo do mundo deve ser entregue às nações satisfeitas, cujo poder as coloca acima do resto; não as nações famintas que buscam mais e por isso põem

em risco a tranquilidade”. Como se a história não revelasse os incontáveis exemplos de “satisfeitos insaciáveis” que insatisfeitos com sua própria satisfação não se cansam de buscar mais, como vampiros famintos, das reservas vitais dos ditos famintos.

A globalização multiplica em proporções inimagináveis e terrificantes, a expressão contundente do grande estadista inglês da Segunda Grande Guerra. Onde teríamos o plural: os governos dos mundos devem ser entregues. O acento se desloca dos interesses universais para os regionais também. No tempo de Churchill, o regional que tinha repercussão universal devia estar sob a coordenação dos satisfeitos. Insatisfeitos, com a globalização, avançam no seu teorema ideológico. O regional que não interfere com o universal passa, forçosamente e necessariamente, também a interferir. Pois a ordem global entende assim. Então, no escritório central dos negócios do mundo, decide-se que determinados caipiras, índios, humildes e alienados, ou seja lá quem for, não podem fazer “isso ou aquilo” e devem fazer “assim assado”, caso contrário, além do mal exemplo que dão, atrapalham a expansão dos lucros. Não é à toa que Chomsky lembra que “o problema não são os crimes, mas a insubordinação” ou ainda “qualquer que seja sua coloração política, um modo de ser independente é inaceitável (...), pode servir de exemplo para os outros. A independência se torna uma ameaça à estabilidade, que, para o autor, significa a segurança para as classes superiores e grandes empresas. Tenho em mente um bom exemplo da expansão dos interesses globais, invadindo a mais individual das condutas. Trata-se da seguinte história que me foi contada:

*“Diz-se de uma jovem índia que fazia pratos de barro. Enquanto dedicava-se à sua tarefa, seu pequeno curumim quebrava uns pratos já prontos. Chega supresso um civilizado e argumenta indignado: “Você aí fazendo os pratos e esse indiozinho quebrando!” No que responde a nativa: a minha alegria é fazer, a dele é quebrar!”.*

Dentro do espírito da sociedade global competitiva, essa relação mãe e filho estaria proscrita, pois não atende aos postulados modernos da produção. Seriam proibidos pela sua escolha independente e talvez sofressem alguma sanção, talvez moral, pelo mal exemplo e insubordinação.

Revendo o que foi dito, quanto à gravidade da globalização que se dá precocemente, poderia afirmar que no nosso caso isso se deu, e há muito tempo, por meio de nossa empresa televisiva transnacional, a modelar “**Rede Globo**”. Penso que não foi acaso seu nome, pois já estava no inconsciente de seus colonizados dirigentes, que cumpririam à risca as ordens de seus colonizadores dirigentes, e que não dariam mal exemplo nem seriam insubordinados. Trabalhando incansavelmente para subordinar toda uma nação, cada subjetividade cidadã, aos interesses da nova ordem mundial. **I want you!**

Da mesma maneira que as nações poderosas desenvolvidas incutem na sociedade global características e demandas próprias, nossa emissora padrão e suas semelhantes importam e assimilam os padrões de cultura de massa dos países de economia desenvolvida. Como divisou Muniz Sodré, em seu livro “A comunicação do Grotesco”, a maior parte da população não tem o status para assumir os valores da moderna sociedade, mas é levada a pensar que tem, pelo sistema da cultura de massa, dando “ao consumidor pobre a ilusão da propriedade do objeto, mantendo-o definitivamente preso em suas redes (...). Voltado para o lazer, ideal mítico do consumo (...), o sistema desenvolve, na maioria, uma trajetória cultural alienante e imobilista”(M.Sodré,1975). Interrompo aqui para retornar, mais adiante, a essas reflexões sobre a massa de manobra da cultura de massa.

Quando Freud, no trabalho “o estranho”<sup>32</sup> põe em dúvida o valor da argumentação geral, de que o mito<sup>33</sup> provém de algo familiar que foi reprimido, e, depois de levantar possíveis exceções à regra, descobre que os exemplos que contradizem a asserção são do domínio da ficção, da literatura imaginativa. Que “devemos distinguir entre o mito que experimentamos (**o mito dito**) e o que simplesmente visualizamos ou sobre o qual lemos” - hoje, diria eu também, assistimos na TV (**mito maldito**). Nessa parte do estudo, deu-me as bases teóricas para separar o **dito** (mito) do **não dito** (mito como fábula, lenda, invenção ou ficção). Ariete dadivoso com o qual pude abater as muralhas que me separavam do ato final. Nos diz ele: “o mito, tal como é descrito na literatura, em histórias e criações fictícias (...) é um ramo muito mais fértil do que o mito na vida real (...). Pois o reino da fantasia depende, para seu efeito, do fato de que o seu conteúdo não se submete ao teste de realidade. Em primeiro lugar, muito daquilo que não é mito em ficção, seria se acontecesse na vida real, e, em segundo, que existem muito mais mitos na ficção, do que na vida real”. Podemos compreender nessas observações que o **mito dito**, real, experimentado e compreendido não transparece com a mesma fertilidade que o **mito-ficção**, e que se tudo que se fala em ficção acontecesse no real estaríamos em maus lençóis.

Continua Freud: “O escritor imaginativo tem, entre muitas outras, a liberdade de poder escolher o seu mundo de representação, de modo que este possa ou coincidir com as realidades que nos são familiares, ou afastar-se delas o quanto quiser. Nós aceitamos as suas regras em qualquer dos casos”. Portanto, a produção ficcional é livre, para aproximar-nos ou distanciar-nos da realidade. Estamos sujeitos a aceitar as regras. Portanto nem sempre o homem é livre para escolher seu mundo de representação, antes, é escolhido. Num artigo intitulado “O Funil da Liberdade”, o articulista Fernando Pedreira mostra o curioso paradoxo de que quanto mais ampla a liberdade moderna, mais estreita acaba se tornando, e justifica: “A liberdade é um bem individual, íntimo, pessoal. E, num universo cada vez mais invadido e avassalado pela ditadura dos chamados meios de comunicação de massa, o espaço que sobra para o indivíduo (dentro de si mesmo) é cada vez menor. As pessoas são livres para fazerem o que querem, mas fazem todas as mesmas coisas”.

Normalmente, os contos não despertam o sentimento mítico, a não ser que haja um conflito de juízo quanto a saber se o “superado” é possível ou não. E, esse problema, é eliminado desde o início ( trata-se de um conto, é apenas um filme, é de mentirinha!). Nos diz então Freud: “adaptamos nosso julgamento à realidade imaginária que nos é imposta pelo escritor, e consideramos as almas, os espíritos e os fantasmas como se a existência deles tivesse a mesma validade que a nossa própria existência tem na realidade material. Também nesse caso evitamos qualquer vestígio do mito”. “A situação altera-se tão logo o escritor pretenda mover-se no mundo da realidade comum. Nesse caso, ele aceita também todas as condições que operam para produzir sentimentos estranhos(míticos) na vida real; e tudo o que teria efeito de mito, na realidade, o tem na sua história”. Aqui **mito dito e maldito** se fundem com o recurso da ficção. “ele pode até aumentar o seu efeito e multiplica-lo, muito além do que poderia acontecer na realidade (...); ele nos ilude quando promete dar-nos a pura verdade e, no final, excede essa verdade (...); quando percebemos o truque, é tarde demais, e o autor já alcançou o seu objetivo (...). Conservamos um sentimento de insatisfação, uma espécie de rancor contra o engodo assim obtido”. Lembra Freud que o ficcionista pode evitar nossa recalcitrância mantendo-nos às escuras até o fim.

Devo salientar o que Freud nos fala no final do estudo. Da licença sem limites e dos privilégios desfrutados pelos ficcionistas para evocar ou excluir. Da atitude passiva que adotamos e da submissão à influencia do nosso ambiente psíquico. “O ficcionista tem um poder diretivo sobre nós; por meio do estado de espírito em que nos pode colocar, ele

<sup>32</sup> O estranho que para o Dr. Wilson Chebabi é o “insólito”.

<sup>33</sup> Volto aqui a me valer do mesmo artifício da substituição empregado na elaboração da III parte.

consegue guiar a corrente das nossa emoções, represá-la numa direção e fazê-la fluir em outra”.

Se todos nós adaptamos, de certa forma, nosso julgamento à realidade imaginária que nos é imposta, e que consideramos o fantasmático com a mesma validade que a realidade material; aqueles que possuem um juízo de realidade mais apurado estariam a princípio mais imunes ao **mal-mito**. Mas mesmo esses podem ser confundidos se nosso **Sistema Global de Ficção** pretender mover-se no mundo da realidade comum. Aumentando, multiplicando, adulterando, nos ilude. Promete dar a verdade e, **no final**, excede essa verdade. Ou seja, **no final você não decide**. Quando percebemos o truque, é tarde demais, o Sistema já alcançou seu torpe objetivo. **Já decidiram nosso destino**. O povo, insatisfeito e rancoroso com os milhares de engodos empurrados pela goela, reage, mas o Sistema Ficcional tem como evitar a recalitrância, mantendo todos os insatisfeitos às escuras até o fim. Cegos em meio ao breu da trucagem, não encontram a luz no **fim** do túnel que permita **decidir**. O Estado-nação corrompido oferece licenças sem limites e privilégios espúrios. O **Sistema Globo Nacional subordinado ao Sistema Globo Transnacional** evoca e exclui o que bem entende. Munido de todo o poder diretivo sobre uma comunidade passiva, coloca dentro dessa o estado de espírito que interessa, guiando a corrente emotiva da população para onde se faz necessário para o êxito da globalização. Realidade e ficção se misturam, **mito dito e mal-dito** se fundem, e aceitamos “convencidos” ou “decididos” com valor geral, o que diz respeito a interesses inconfessos de grupos “fazedores de **mal-mitos**”.

Se, como falei, aqueles que possuem um juízo de realidade mais desenvolvido são ocasionalmente pelos **mitos-ficção** envolvidos, que dirá daqueles que estão sob o domínio de seus complexos infantis, ou daqueles, no caso a maioria da população, movidos pelo animismo? As proporções são avassaladoras, e o resultado é uma nação sem rumo.

Podemos inferir então que, enquanto o **mito dito** guarda uma estreita relação com o familiar que foi reprimido, e que ao ser **objeto da psicanálise** reintegra-se ao patrimônio intelectual e afetivo da Humanidade, o **mito mal-dito** é manifestamente estranho, mas, sob o ilusionismo da ficção, passa a ser erroneamente concebido como familiar, e ao ser **interpretado** desmascara os ilusionistas, podendo ser arrancado da cena histórica psicossocial, libertando a coletividade-sujeita da crendice alienante e imobilizante. Devemos todavia, como nos ensinou Freud, distinguir o **mito** o qual experimentamos (revelador), do **mito** que miramos (enganador). Contudo, para aqueles que se movem pela técnica animista, ou, que estão submetidos aos seus complexos infantis reprimidos, essa tarefa nem sempre é possível. E é dessa essência de impossibilidade que se valem os confeccionadores de **mal mitos mal ditos**.

Muniz Sodré constata o que já vimos, que os veículos de massa são imprescindíveis na difusão dos **mal-mitos**. Que através de mecanismos psicossociais (culto ao “bom senso”, que na realidade é a manifestação da ordem estabelecida; otimismo generalizado; personalismo exagerado; verbalismo estéril e elitista; pseudotransigência) mantêm sob controle os supostos padrões da consciência coletiva. E questionando se existe um sentido escatológico na cultura brasileira, se apercebe que sim. “O grotesco parece ser, até o momento, a categoria estética mais apropriada para a apreensão desse ethos escatológico da cultura de massa nacional”(M.Sodré,1975). Considero o badalado programa “**Você Decide**”, como o melhor e mais atual exemplo desse grotesco escatológico que nos fala Sodré. É uma verdadeira aberração de estrutura e contexto, apesar da maquilagem **Hansdonneana**<sup>34</sup>. Parece que consigo a concordância da crítica do Times, a respeito do principal produto de exportação da Rede Globo. Diz o parecer: “cem milhões de brasileiros podem estar errados. Você Decide é o pior programa que eu já vi em toda a minha vida”. Mas talvez seja o contrário, e eu e o crítico do jornal inglês, estejamos enganados. Seria o “Você Decide”, não o pior mas o

<sup>34</sup> Refiro-me ao expoente da computação gráfica da TV Globo, o austríaco Hans Donner.

melhor programa, isso evidentemente, pela nossa ótica cultural de massa, pois o programa reúne características que garantem o seu sucesso de audiência.

E que características seriam essas? Aquelas que favorecem a **Mitomania**, que é a rigor, uma tendência mórbida para a mentira. Tem o programa: forte vínculo com a estrutura do mercado, afinando-se ao sistema, apelos eróticos, pseudo-insenção, encantamento, entretenimento evasivo, relaxamento que evita qualquer esforço intelectual, sensação, gente de sucesso, baixo nível de responsabilidade, o banal, um falso progressismo que resguarda valores conservadores, pseudo-objetividade, nível de intimidade, de familiaridade, estética, violência, ostentação e ascensão social, humor, política barata, solicitude em atender os desejos do público, fantasias, etc... Possui, portanto, todos os ingredientes possíveis e imagináveis, para iludir o telespectador que, certo de estar defrontando-se com o real, é colhido nas armadilhas dos produtores, que transformam a tevê num agente socialmente nefasto.

Mas essas características são também as das telenovelas, do “Fantástico”<sup>35</sup> não havendo portanto, até aqui, nenhuma novidade. Onde reside então o inusitado desse principal produto de última geração televisiva? Qual é o pulo do gato? Estou inclinado a pensar que “tá na cara”, ou melhor, “tá no nome”. A diferença desse modelito escatológico para os seus antecessores, é que **agora você decide!** Não se trata apenas em atender o desejo do telespectador de saber o **fim** da **novela**, mas de “envolve-lo” no **novelo**, fazendo-o acreditar que “escolhe” o **fim**. Pela primeira vez, no universo das imagens televisivas, o receptor “sai” de sua passividade, e para isso, basta discar. Esse é o grotesco, que do ponto de vista estético, segundo Sodré, seria uma reflexão sobre a vida, nascida de uma comparação entre as coisas “tais como são em profundidade e tais como nos aparecem em superfície (...). A essa altura, o real antes tido como belo pode começar a fazer caretas, o pesadelo pode tomar o lugar do sonho” (Sodré,1975).

É o “parece mas não é”, que configura uma tremenda disfunção social, é o **Fantástico Global**, alheio aos fantásticos e reais anseios da nossa sociedade. O programa, é a rigor, uma evolução do “direito de julgar” dos tão batidos programas de jurados, onde o público se identifica com o júri, e sente-se mais ou menos capaz de integrar o tribunal televisivo. No entanto, no “**Você decide**”, o júri é o povo. Temos um pseudo-tribunal popular, inimaginável na nossa história, inconscientemente identificados com os ardilosos “cultores do bom senso”, que são na verdade ideólogos da “ordem” estabelecida. **Decida! Sim ou não?** Mas o que é o Sim? O que é o Não? O sim é tudo aquilo que resguarda os dogmas da ordem, o não aquilo que pode romper com tais cânones, ou vice-versa. Mas o mais **perverso** não é a justiça maniqueísta decidida no **manifesto**, mas sim a injustiça macabra **não decidida no latente**, que leva cem milhões de brasileiros, **destituídos de cidadania**, a acreditarem que decidem alguma coisa, enquanto isso, nos corredores do **Poder Despudorado, decidem-se os negócios do Brasil**. Lembro aqui os versos ferinos de Cazuzu: “Brasil mostra a tua cara; quero ver quem paga pra gente ficar assim. Brasil qual é o teu negócio, o nome do teu sócio, confia em mim”.

Quando esses **mal-mitos**, gêneros de **Leviatãs High-Tec**, ganham valor de propagação **maldita**, tornam-se **decididamente** mortíferos. Campeões de audiência, invadem grosseiramente as mais delicadas das condutas; ignoram nativos, enlouquecem caipiras, corrompem mocinhas, iludem “baixinhos”, chocam distintas senhoras, manipulam consciências, sugerem desejos, transformam, como divisou Cazuzu, um país inteiro num puteiro. Aperfeiçoados em laboratórios de **Teratogenia de Ponta**, se especializam na arte de comunicar o grotesco, com baixos índices de rejeição, dados os recursos da perfumaria gráfica, que tornam o **Monstro Mitológico**, além de palatável, desejável.

<sup>35</sup> Programa de domingo, campeão de audiência, da Globo.

Se por um lado **Teratologia** (do gr.) é narração de coisas maravilhosas, por outro é o estudo das **Monstruosidades**. Estamos, então, diante de algo **maravilhoso** ou **monstruoso**? Bem..., **o final Você Decide!**

## **BIBLIOGRAFIA**

1. Augras, Monique, **“O Duplo e a Metamorfose”**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1983.
2. Barreto, Sandra Paes, **“A Interpretação na Clínica Psicanalítica”**, Revista Tempo Psicanalítico, 26, SPID, 1992.
3. Barrows, Dunham, **“O Homem contra o Mito”**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.
4. Brandão, Junito de Souza, **“Mitologia Grega”**, Vols. I,II e III, Petrópolis, 1986.
5. Brandão, Junito de Souza, **“Dicionário Mítico-Etimológico”**, Vol. I e II, Petrópolis, 1991.
6. Buzzi, Arcângelo R., **“Introdução ao Pensar”**, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1975.
7. Chomsky, Noan, **“Velha e Nova Ordem Mundial”**, Revista Cultural Vozes, n.5, set-out.1993 - ano 87 (LXXXVII).
8. Descartes, René, **“Discurso Sobre o Método”**, Athena Editora, Rio de Janeiro.
9. Freud, Sigmund, **“A Interpretação dos Sonhos”**, Ed. Imago, Vol. V, Rio de Janeiro, 1969.
10. Freud, Sigmund, **“A Sexualidade na Etiologia das Neuroses”**, 1898, Ed. Imago, Vol.III, Rio de Janeiro, 1969.

11. Freud, Sigmund, **“O estranho”**, 1919, Ed. Imago, Vol. XVII, Rio de Janeiro, 1969.
12. Freud, Sigmund, **“A Psicopatologia da Vida Cotidiana”**, 1901, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1969.
13. Ianni, Octavio, **“Nação e Mundialização”**, Revista Cultural Vozes, n. 5, set-out.1983-ano 87(LXXXVII)
14. Laplanche/Pontalis, **“Vocabulário da Psicanálise”**, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1984.
15. Matos, Olgária C.F. de, **“O Iluminismo Visionário: Benjamin, Leitor de Descartes e Kant”**, Ed. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1994.
16. Mateus, S., **“Evangelho de Jesus Cristo segundo S.Mateus”**, Ed. Barsa, 1971.
17. Sartre, Jean-Paul, **“Freud além da Alma”**, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.
18. Segal, Hanna, **“Notas sobre La Formacion de Simbolos”**, 1957, The International Journal of Psychoanalysis, 38, 1957.
19. Sevcenko, Nicolau, **“A Filosofia da Verdade à Vertigem”**, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29/01/94
20. Simão, Antuan Charif, **“Introdução à Teoria Geral da Estrutura do Pensamento”**, Ed. Vozes, 1978.
21. Sodré, Muniz, **“A Comunicação do Grotesco”**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.
22. Tractenberg, Moisés, **“A Psicanálise e os Psicanalistas no século XXI”**, Ed. Revinter, Rio de Janeiro, 1995.